

I Seminário Apophatiké de estudos sobre Mística

Data: 16 e 17 de dezembro de 2015

Local: Puc-Rio (Prédio Cardeal Leme, 11º andar, sala Leandro Konder 1156)

R. Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro

Eixos temáticos: Mística e Filosofia, Mística e Literatura e Mística e Teologia

Eixo 1: Mística e Filosofia

A concepção de Linguagem em *De Principiis* IV 1-3 de Orígenes

A comunicação pretende apresentar de modo geral os capítulos 1 a 3 do livro IV do *De Principiis* de Orígenes onde, de acordo com de Lubac, ele é mais sistemático quanto a sua concepção da linguagem e da correta interpretação do texto escrito. Nestes capítulos, Orígenes nos apresenta níveis de compreensão de um texto escrito vinculados a níveis de evolução espiritual do homem que o lê. Podemos dividir de modo geral estes níveis em dois grandes estratos: o nível da *letra do texto*, em que o homem só se conecta a um nível literal de compreensão do texto, e o nível do *espírito do texto*, em que o homem acessa um nível mais profundo de compreensão. Estes dois níveis são relacionados a níveis do humano, o primeiro ao corpo do homem, isto é, ao homem exterior e simplório, e o segundo ao espírito do homem, isto é, ao homem interior e mais evoluído. A comunicação ainda pretende apresentar a ideia de que somente em um trabalho pessoal de transformação de si (ascese) pode o homem acessar o nível mais profundo de compreensão das sagradas escrituras, corroborando assim o esquema clássico de que a ascese (trabalho pessoal) deve vir antes da mística (compreensões espirituais).

Palavras-chave: mística, Orígenes, linguagem.

Marcus Reis Pinheiro – Professor no programa de pós-graduação em Filosofia da UFF.
neoplatonismo@gmail.com

A mística do cuidado em Albert Schweitzer

Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre a mística do cuidado a partir do pensamento de Albert Schweitzer. Sua noção de “reverência pela vida” é fundamental para compreensão de Schweitzer e implica profundo respeito a todas as formas de vida (humana e não humana). Essa atitude de respeito é encontrada na postulação ética de Schweitzer, baseada na experiência mística do desejo de viver, que se manifesta em todos os seres vivos.

Palavras-chaves: mística, Albert Schweitzer, vida.

Josias da Costa Junior – Doutor em Teologia (Puc-Rio) e professor do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da UEPA
josiasdacosta@gmail.com

Ser-espelho na mística poretiana

Neste trabalho procuraremos analisar alguns pontos da obra *O espelho das almas simples* de Marguerite Porete, sentenciada à fogueira da inquisição em 1º de junho de 1310, a autora traz em sua obra feições da teologia mística que, necessariamente, constitui também sua experiência com o divino. O objetivo essencial é pensarmos como Porete propõe alcançar a divindade em uma forma de reflexo cristalino da Deidade. Recorrendo à metáfora do espelho, Marguerite nos apresenta a disposição que o homem tem para “ser-espelho”, isto é, a capacidade que a alma adquire ao logo de todo o processo de aniquilação para refletir Deus. O aniquilamento n’*O espelho das almas simples* é visto como abandono das vontades relacionadas ao “eu”, que engendra, então, em um processo de purificação da alma que culmina na união com o Divino. Marguerite nos aponta para um ser humanizado, que não é imaculado, mas que se reconhece e se percebe no outro. A partir desse ponto faremos uma reflexão sobre alguns aspectos da filosofia mística poretiana e como este reflexo faz da sua experiência mística algo peculiar.

Palavra chaves: Marguerite Porete, Mística, Metáfora do espelho.

Joana de Souto Gomes - Mestranda no Programa Pós Graduação em Filosofia – UFF.

joana.souto@hotmail.com

Onde estão os olhos está o amor – Nicolau de Cusa e a mística do olhar

Partindo do pressuposto de que o *De visione dei* é um texto de caráter místico e tendo por base que a mística, na sua designação geral e em última instância, é uma experiência do divino, pensamos ser possível mostrar que, nesse opúsculo, Nicolau de Cusa (1401-1464) apresenta uma experiência mística, entendida no sentido de uma reflexão sobre o tema. Deste modo, a experiência sensível proposta por ele, e explicada no Prefácio do *De visione dei*, une a simplicidade de uma experiência visual com a mais alta e profunda especulação que o ser humano pode fazer: refletir de forma que possa experienciar sua relação com o divino, por extensão, com o mundo e com os outros homens. Atentemos para o que há de novo na proposta do bispo de Brixen: não se trata do quadro em si, isto é, da perspectiva assumida na composição dos olhos que parecem olhar tudo em seu redor (imagens como esta, ele o diz no Prefácio, encontram-se muitas e muito bem representadas); o que é invulgar e o que torna o *De visione dei* um texto importante, não só do ponto de vista de uma abordagem sobre o olhar, mas também, do ponto de vista de uma história da mística do olhar, é a relação que Nicolau de Cusa estabelece entre uma simples experiência e a especulação mística, cruzando, num horizonte de significados, os sentidos de uma metáfora fundadora e, ao mesmo tempo, capaz de expressar o amor. Fundadora porque Deus vê e cria, capaz de expressar o amor porque ele vê e cria enquanto ama. Assim, na presente comunicação, procuramos relacionar a importância que o olhar assume, no texto em epígrafe, com o ato de amar, posto que a metáfora do olhar pode ser lida como a expressão do amor.

Palavras-chave: Olhar, Amar, Mística, *Visio dei*.

Maria Simone Marinho Nogueira – Doutora em Filosofia (Universidade de Coimbra) e professora do curso de Filosofia da UEPB.

mar.simonem@gmail.com

Por uma filosofia sagrada: mística e ascese no Fédon de Platão.

Nosso estudo busca defender a tese de que a filosofia platônica no *Fédon* se trata de um exercício ascético e místico. A ascese ficará por conta da *kátharsis*, que fará do filósofo um vigilante de si. Ele necessitará, em troca da verdade, abrir mão do frenesi dos sentidos e prazeres, para então, recolher a sua alma em si mesma, convertendo-a para a sua essência primordial: ser pura e afim da verdade. Esse exercício será como um treino para a morte, já que nesta não haverá mais corpo, apenas a alma. Da mesma forma, o *Fédon* versa sobre mística. Todo seu empenho em demonstrar a imortalidade da alma é cotejado com a linguagem da experiência religiosa do orfismo e do pitagorismo. A alma é divina e pura por excelência e deve manter comunhão com o divino e puro através da atividade filosófica. Contemplar a verdade de forma plena e absoluta será o desejo erótico do verdadeiro filósofo. Para tanto, ele deve intensamente educar a sua alma para em vida não se contaminar com a revolução impura dos sentidos e prazeres corporais, mas lidar com estes de forma precavida e consciente. A ascese e a mística presente no *Fédon* serão influentes para toda uma tradição filosófica posterior, que se estabelecerá pelos parâmetros do ideal ascético e transcendente. A filosofia platônica do *Fédon* será, portanto, uma filosofia sagrada, que busca dar conta da totalidade das realidades existentes, tanto na *pólis* como no *Hades*.

Palavras-chave: mística, Platão, Fédon.

André Decotelli – doutorando em Filosofia Puc-Rio.
decotelli@gmail.com

Eixo 2: Mística e Teologia

Mística na contemporaneidade

A comunicação tratará das novas sínteses e configurações que toma a mística na contemporaneidade. Para isto analisaremos o impacto do processo de secularização da modernidade sobre a religião e também a pluralidade religiosa que provoca uma alteração radical no mapa da crença no mundo inteiro. Veremos em seguida como esses dois fatores geram uma nova configuração na compreensão do que seja mística e uma mobilidade que faz a experiência mística mover-se para além de fronteiras institucionais de todo tipo. Alguns exemplos concretos de místicos contemporâneos poderão ser apresentados para concretizar a análise apresentada.

Palavras-chave: mística, contemporaneidade, secularidade, pluralidade religiosa, ética, desinstitucionalização

Maria Clara Bingemer – Doutora em Teologia (PUG-Roma) e Professora Titular da Puc-Rio.
agape@puc-rio.br

A mística do pathos divino em Abraham Heschel

A categoria do pathos divino ganhou em Abraham Heschel sua expressão mais forte. O profeta não tem ideias e conceitos sobre Deus. O profeta é aquele que sofre uma ação transitiva de Deus. Não se trata de uma fusão com Deus, trata-se de ser afetado pela pathos de Deus. Para Heschel a experiência mística é *um êxtase do homem*; a revelação é *um êxtase de Deus*. Não é Deus que é uma experiência do homem; o homem é que é uma experiência de Deus. O objetivo desta comunicação é apresentar a mística do pathos divino nos escritos de Abraham Heschel.

Palavras-chave: mística, Abraham Heschel, pathos.

Edson Fernando Almeida - Doutor em Teologia (Puc-Rio) e Pós-Doutorado em Ciências da Religião (UFJF)
edson.fernando@uol.com.br

Filosofia e Teologia em Marguerite Porete: A imagem do Ser refletida no Espelho de Deus

Uma das principais características da mística especulativa é a viva predisposição e uma forte sedução pelos assuntos do *sujeito*, pelo *eu* ou pelo *si mesmo*. Justifica-se este interesse do *especulativo* pelo *sujeito* graças à ideia de que todo *ser* possui a capacidade de elevar-se para além de *si mesmo*, voltando-se para si em busca de Conhecimento e Sabedoria e cujo imperativo *délfico* é executado. A mística especulativa de Marguerite Porete se desenvolve em torno da dialética do *ser* e *não ser*, esta dialética se expressa de maneira tal que a alma tornar-se *espelho* de Deus. Na verdade, a alma poretiana não é outra coisa senão a pura substância de Deus refletida, a imagem de Deus refletida em si mesma, melhor dizendo, o *ser* desvelando-se no *não ser* dessa alma aniquilada. É a partir desta dialética do *ser* e *não ser* que buscamos pensar a experiência mística de Marguerite Porete particularmente no que concerne a representação do *Espelho de Deus* enquanto imagem do *ser* na alma aniquilada.

Palavras-chave: Marguerite Porete, Alma, Aniquilação, Ser, Espelho.

Amanda Oliveira da Silva Pontes - Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões (UFPB).
amanda-philos@hotmail.com

A espiritualidade da vida na pneumatologia de Jürgen Moltmann

Esta comunicação deseja refletir sobre a espiritualidade entendida como amor à vida a partir do pensamento de Jürgen Moltmann. O teólogo alemão se destaca por causa de sua abrangência temática (política, ecológica, étnica, gênero, ética etc.) e por ter uma preocupação com a vida integral (humana e não humana). Entretanto, sobretudo em sua pneumatologia, presente na fase das suas contribuições sistemáticas, desenvolve a ideia de que não existe tensão entre experiência de vida e do Espírito, pois as experiências da vida são experiências de Deus. O Espírito de Deus, que no dizer moltmanniano, é o “Espírito da Vida”, tem como missão promover e preservar a vida. Dentro desta perspectiva, surge o desafio de ampliar a proposta de uma espiritualidade – uma vida

segundo o espírito - que se caracterize como amor à vida e que se oponha aos poderes da morte. Por isso, buscaremos destacar a ideia de uma espiritualidade que não aliena e que não é hostil ao corpo e à terra. Baseando-nos nas reflexões do teólogo da esperança, procuraremos afirmar que o Espírito presente na vida corporal é experiência de vitalização e libertação.

Palavras-chave: espiritualidade, vida, pneumatologia, Jürgen Moltmann.

Marcio Cappelli – doutorando em teologia (Puc-Rio)
alocappelli@gmail.com

Imensidão Azul: refletindo sobre os *Diários da Ásia* de Thomas Merton

Esta comunicação, de caráter absolutamente exploratório, acompanha a viagem ao Oriente empreendida pelo monge trapista, escritor e ativista Thomas Merton (1915-1968). Trata-se do último (e longamente planejado) deslocamento empreendido por Merton, que passou pela Índia, Ceilão e Tailândia. Deslocamento – que tinha por meta principal aproximar espiritualidades cristã e orientais – interrompido pelo acidente fatal que vitimou o monge em Bangkok.

Pretende-se investigar como Merton, em seu *Asian Journal*, ratifica e também reelabora o tradicional discurso teleológico cristão associado a viagens. Assim, ele, por um lado, confirma a conhecida proposição cristã que apresenta viagens concretas, itinerários percorridos no século, como ritualizações da escalada metafísica da alma rumo a Deus; escalada essa, aos olhos dos crentes, sempre assistida pelo Espírito. Porém, ainda que nosso autor acredite ser amparado continuamente pela Providência, o discurso teleológico de Merton apresenta-se bem mais aberto ao indefinido, ao mistério. Nem mesmo o resultado final do périplo se lhe apresentava como suficientemente claro: “Que eu não volte sem ter resolvido a grande questão”, anota o religioso em seu diário, poucos dias antes de embarcar rumo ao que via como inteiramente novo, o Oriente.

Tenciona-se, pois, frisar a tensão presente nos diários mertonianos, tensão entre a fé finalista do monge e a indeterminação sentida por ele quanto à forma particular que a ação divina tomará corpo ao longo da viagem à Ásia. Tensa relação coerente com o próprio contexto vital de Thomas Merton, que se transformava interiormente (com claras conseqüências para sua ação exterior). Câmbio que se dava tanto em termos eclesiológicos, como na maneira de interpretar as implicações políticas e sociais da fé cristã nos conflagrados anos 1960.

Palavras-chave: fé, Thomas Merton, diários da Ásia.

Marcelo Timotheo da Costa – Doutor em História (Puc-Rio)
marcelotimotheo@uol.com.br

Eixo 3: Mística e Literatura

A epifania do cotidiano em três vozes poéticas

A comunicação busca refletir sobre o modo como três poetas de língua portuguesa – Alberto Caieiro, Adélia Prado e Manoel de Barros – elaboram a relação entre poesia, realidade e epifania, e como cada um deles irá postular uma singular forma de experienciação do sagrado. O primeiro deles é Alberto Caieiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, que se auto-intitula um “místico das sensações”. O misticismo de Caieiro é peculiar, pois não é o desejo de transcendência que o arremessa em direção ao mistério, mas antes o mergulho radical na imanência acompanhado do empenho cuidadoso de um asceta que procura despir-se de pressupostos e saberes, aprendendo a ‘desaprender’. Em Manoel de Barros os motivos *obscuridade, ignorância e desutilidade*, freqüentes em sua obra, são marcas de um esforço para pensar o que nos excede enquanto projeto e discurso, e de desejar “atingir a pureza de não se saber mais nada” (BARROS, 2003, p.29). Buscou-se então aproximá-lo de uma tradição místico-apofática onde a negatividade (expressa nas metáforas da escuridão, do vazio e do deserto freqüentes nos discursos místicos) é tomada como intrínseca ao exercício reflexivo sobre os fundamentos de nossa realidade, e tem por fim a revelação epifânica do mistério do mundo. Por fim, em Adélia Prado partimos do pressuposto de que seu universo lírico-ficcional se inscreve no campo do sagrado e da totalidade cosmogônica própria do sentimento místico. A autora confere a poesia o estatuto de elemento cosmogonizante, que emendaria os cacos fragmentados da existência em um todo orgânico, ainda que apenas experienciável apenas em instantes epifânicos, tal qual na experiência religiosa. A epifania se dá no banal cotidiano, sem alardes ou trombetas, pela vivência do sensível (quer seja o humano corpo ferido de temporalidade, quer seja a matéria mesma das coisas) como espaços abertos para a epifania mística.

Palavras-chaves: Mística; epifania; Alberto Caieiro; Manoel de Barros; Adélia Prado.

Cleide de Oliveira – Doutora em Estudos de Literatura (Puc-Rio) e Pós-doutorado em teologia (FAJE)
cleideoliva@yahoo.com.br

Prática espiritual, poesia moderna e déficit de atenção

Ao se observar as características que Hadot e Foucault apontam, na antiguidade grega e romana, para a prática espiritual filosófica, é possível perceber relações de afinidades e diferenças com a prática poética. Outros autores, como Brian Stock, consideram que as práticas espirituais antigas e medievais influenciaram profundamente a poesia moderna. É como se houvesse um movimento de secularização que, quanto mais se afasta de crenças e busca a autonomia do sujeito e da literatura, mais se serve de reatualizações de técnicas de operar e transformar a si mesmo. Na contemporaneidade, por outro lado, evidencia-se uma grande ignorância dessa dimensão nos efeitos do regime de atenção imposto por máquinas de imagem, segundo Christoph Türcke. Por isso, faremos uma reflexão sobre a importância, a nosso ver urgente, da prática espiritual, filosófica e poética, para qualquer cidadão, hoje.

Palavras-chave: prática espiritual, déficit de atenção, poesia moderna.

Eduardo Guerreiro Brito Losso – Professor no programa de pós-graduação em Ciência da Literatura, UFRJ.
edugbl@msn.com

A experiência mística: agonia, angústia, poesia e abertura para o outro

A experiência mística apresenta-se como agonia, e não por se configurar como uma luta, mas por se preferir a luta ao abandono. Antes um coração minado pela agonia, do que enlutado, impedido de transcender. A experiência mística também se apresenta como angústia, já que aqui não se trata de compreendê-la somente como consolo, mas ao contrário, de sugerir a relação com o que transcende como sendo um “desejo sem objeto” – justo porque o que transcende não pode ser objetivado, definido e delimitado. Nesse sentido, a poesia também resguardaria o místico da tentação de esclarecer enfim o inefável, insuflando assim uma relação de respeito em relação ao que soa misterioso: encontro do mistério da palavra com a palavra misteriosa. Por fim, a experiência mística, como êxtase, apontaria para um sair de si, um abandonar-se em direção ao outro, e como desapego, resguardar a simplicidade do encontro.

Palavras-chave: mística, agonia, angústia, poesia, abertura para o outro.

Nilton dos Anjos – Professor na Faculdade de Filosofia/UNIRIO
niltanjos@yahoo.com.br

16/12, quarta-feira

Eixo 1: Mística e Filosofia

Nome	Título	Horário
Joana de Souto Gomes	Ser-espelho na mística poretiana.	10h
Maria Simone Marinho Nogueira	Onde estão os olhos está o amor – Nicolau de Cusa e a mística do olhar.	10h30
Josias da Costa Junior	A mística do cuidado em Albert Schweitzer	11h
	Debate	11h30

Intervalo: 12h30

Nome	Título	Horário
André Decotelli	Por uma filosofia sagrada: mística e ascese no Fédon de Platão.	14h
Marcus Reis Pinheiro	A concepção de Linguagem em <i>De Principiis</i> IV 1-3 de Orígenes.	14h30
	Debate	15h

Eixo 2: Mística e Teologia

Nome	Título	Horário
Maria Clara Bingemer	Mística na contemporaneidade	15h30
Marcelo Timotheo da Costa	Imensidão Azul: refletindo sobre os Diários da Ásia de Thomas Merton	16h
	Debate	16h30

17/12, quinta-feira

Eixo 2: Mística e Teologia

Nome	Título	Horário
Amanda Oliveira da Silva Pontes	Filosofia e Teologia em Marguerite Porete: A imagem do Ser refletida no Espelho de Deus.	10h
Edson Fernando Almeida	A mística do pathos divino em Abraham Heschel	10h30
Marcio Cappelli	A espiritualidade da vida na pneumatologia de Jürgen Moltmann	11h

Debate	11h30
--------	-------

Intervalo: 12h30

Eixo 2: Mística e Literatura

Nome	Título	Horário
Cleide de Oliveira	A epifania do cotidiano em três vozes poéticas.	14h
Eduardo Guerreiro Brito Losso	Prática espiritual, poesia moderna e déficit de atenção.	14h30
Nilton dos Anjos	A experiência mística: agonia, angústia, poesia e abertura para o outro.	15h
Debate		15h30

Encerramento